

## Reflexões sobre os saberes populares em saúde das “Marias marisqueiras” de Icapuí/CE

Sandy Souza do Amaral<sup>1</sup>, Elane da Silva Barbosa<sup>2</sup>, Amália Gonçalves Arruda<sup>3</sup>, Jamille de Oliveira Gomes<sup>4</sup>, Helder Matheus Alves Fernandes<sup>5</sup>

### Resumo

A Política Nacional de Educação Popular em Saúde emerge como intervenção eficaz para a ampliação dos campos das práticas populares de saúde. No processo de territorialização, evidenciou-se o coletivo feminino como representação potencial na construção desses saberes. O estudo objetivou retratar os saberes populares em saúde das “Marias marisqueiras”, de Icapuí/Ceará. Trata-se de uma pesquisa social qualitativa de natureza exploratória e descritiva. Constituiu-se como cenário da pesquisa o espaço territorial de uma Equipe de Saúde da Família, e a população foi de 26 marisqueiras. Foram utilizadas técnicas pedagógicas participativas, como roda de cultura, cirandas da vida, corredor do cuidado, poesia, música e cine debate. A riqueza encontrada na terra e no mar demonstram que o processo de cuidado em saúde contempla os saberes populares, possibilitando ações terapêuticas, como as práticas tradicionais em saúde relatadas pelas marisqueiras: garrafadas e sucos utilizados no tratamento da infecção urinária e infecções sexualmente transmissíveis, diminuição dos agravos em relação ao processo de mariscagem. A educação popular em saúde retrata um dispositivo de valorização cultural e estreitamento de vínculo entre os serviços de saúde e a comunidade. As experiências interprofissionais aguçaram a resistência e a luta por uma saúde pública que valoriza os saberes populares.

### Palavras-chave

Equipe multidisciplinar. Participação popular. Cultura popular. Educação para saúde comunitária. Mulheres trabalhadoras.

---

<sup>1</sup> Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário do Vale do Jaguaribe, Ceará, Brasil; residente na Escola de Saúde Pública do Ceará, Brasil. E-mail: sandyamaral@outlook.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará, Brasil; professora na Universidade Potiguar, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: elanesilvabarbosa@hotmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará, Brasil; professora no Centro Universitário do Vale do Jaguaribe, Ceará, Brasil. E-mail: amaliagoncalves@fvj.br.

<sup>4</sup> Graduada em Farmácia pela Universidade Federal do Ceará, Brasil; residente na Escola de Saúde Pública do Ceará, Brasil. E-mail: jamille\_oliveira16@hotmail.com.

<sup>5</sup> Mestrando em Saúde Coletiva na Universidade Estadual do Ceará, Brasil; residente em Oncologia no Hospital Haroldo Juçaba (HHJ) pelo Instituto do Câncer do Ceará, Brasil. E-mail: heldermatheus10@hotmail.com.

## Reflections on popular health knowledge of the “Marias marisqueiras” of Icapuí/CE

Sandy Souza do Amaral<sup>6</sup>, Elane da Silva Barbosa<sup>7</sup>, Amália Gonçalves Arruda<sup>8</sup>, Jamille de Oliveira Gomes<sup>9</sup>, Helder Matheus Alves Fernandes<sup>10</sup>

### Abstract

The National Policy for Popular Health Education emerges as an effective intervention to expand the fields of popular health practices. In the territorialization process, the female collective was highlighted as a potential representation in the construction of this knowledge. The study aimed to portray the popular health knowledge of “Marias shellfish gatherers”, from Icapuí/Ceará. This is a qualitative social research that is exploratory and descriptive. The research scenario was the territorial space of a Family Health Team and the population was 26 shellfish gatherers. Participatory pedagogical techniques were used: culture circle, *cirandas da vida*, care corridor, poetry, music, and film debate. The wealth found on land and at sea demonstrates that the health care process contemplates popular knowledge, enabling therapeutic actions, such as traditional health practices reported by shellfish gatherers: bottles and juices used to treat urinary tract infections and sexually transmitted infections, reducing grievances in relation to the shellfish harvesting process. Popular health education represents a device for cultural appreciation and closer ties between health services and the community. Interprofessional experiences sharpened resistance and the fight for public health that values popular knowledge.

### Keywords

Multidisciplinary team. Popular participation. Popular culture. Community health education. Working women.

---

<sup>6</sup> Graduated in Nursing, Centro Universitário do Vale do Jaguaribe, State of Ceará, Brazil; resident at the Ceará School of Public Health, State of Ceará, Brazil. E-mail: sandyamaral@outlook.com.

<sup>7</sup> PhD in Education, State University of Ceará, State of Ceará, Brazil; professor at Universidade Potiguar, State of Rio Grande do Norte, Brazil. E-mail: elanesilvabarbosa@hotmail.com.

<sup>8</sup> Master in Public Health, State University of Ceará, State of Ceará, Brazil; professor at the Centro Universitário do Vale do Jaguaribe, State of Ceará, Brazil. E-mail: amaliagoncalves@fvj.br.

<sup>9</sup> Graduated in Pharmacy, Federal University of Ceará, State of Ceará, Brazil; resident at the Ceará School of Public Health, Brazil. E-mail: jamille\_oliveira16@hotmail.com.

<sup>10</sup> Master's student degree in Public Health, State University of Ceará, State of Ceará, Brazil; resident in Oncology at Hospital Haroldo Juaçaba (HHJ) at the Cancer Institute of Ceará, State of Ceará, Brazil. E-mail: heldermatheus10@hotmail.com.

## Introdução

A visão crítico-reflexiva dos profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS) configura-se como ferramenta essencial para melhorias nas práticas de saúde. Subsidiar esse aperfeiçoamento é um grande desafio diante da conjuntura atual, na qual o profissional se afasta cada vez mais do fazer coletivo e das singularidades de cada território, focando apenas na dimensão assistencial e individualista.

Em concordância com Pedrosa (2021), entende-se que o profissional avança com a execução de ações voltadas para o modelo chamado por Paulo Freire de educação bancária, pautado na centralização do saber. Como consequência, há uma valorização do saber técnico e focado na doença, em contrapartida, ocorre uma desvalorização dos saberes populares, o que conduz a um enfraquecimento das estratégias de educação e promoção da saúde.

Nesse contexto, a Política Nacional de Educação Popular em Saúde emerge como intervenção eficaz para a ampliação dos campos das práticas populares de saúde, como está descrito nos objetivos que a constituem (Brasil, 2012a). Dessa maneira, o saber é compartilhado por meio da horizontalidade, fortalecendo a criação de vínculo e do diálogo. Essa explanação corrobora com a necessidade de fortalecer a gestão compartilhada e os movimentos sociais populares por intermédio de ações que proporcionem autonomia e protagonismo. O território posiciona-se, assim, como espaço vivo de compartilhamento de saberes e palco principal dessas manifestações.

Em março de 2022, na condição de enfermeira residente, iniciou-se o processo de territorialização, vivenciado nos meses iniciais da Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Uma equipe composta por diversas categorias profissionais - psicólogos, enfermeiras, dentista, profissional de educação física, farmacêutica, nutricionista, fisioterapeuta, médica veterinária e assistente social - embarcou nesse mar de vivências para cultivar memórias e promover saúde em um território vivo e dinâmico.

Compreende-se que a territorialização é fundamental para efetivar os princípios e as políticas do SUS, além de contribuir para um reconhecimento das fragilidades e das potencialidades do cenário de prática. O fortalecimento desse mecanismo delineia uma proposta para enfraquecer a fragmentação das ações e apropriar-se do perfil local baseado no diagnóstico territorial, articulando, mobilizando, informando e construindo vínculos (Faria, 2020).

Essa experiência da territorialização instigou o desvelamento de um contexto repleto de potencialidades, encantamentos e desafios na produção do cuidado em saúde. Esse território cheio de riquezas naturais é Icapuí, localizada no litoral leste do Ceará e criada em 1938. Inicialmente, estruturada apenas como uma vila - vinculada ao município de Aracati -, recebia o nome de Caiçara (*caá-içara*), palavra de origem Tupi Guarani, que significa cerca de ramos e emancipou-se apenas no ano de 1985. A principal fonte de renda refere-se a atividades pesqueiras. A cidade possui uma cultura marcante e vasta, repleta de significados, como retrata o trecho do poema “Icapuí tem”, de J. Gomes (2013), embaixador da cultura de Icapuí, poeta e compositor popular:

Em toda casa alpendrada  
há um pedaço da história  
uma parte da memória  
que deve ser registrada  
em cada pau de jangada  
encontrado por aí  
cada conchinha daqui  
levada pra outra parte  
traduz a vida e a arte  
do povo de Icapuí  
(J. Gomes)

No panorama brasileiro, a pesca artesanal configura-se como uma das práticas que mais engloba trabalhadores. O coletivo feminino é de suma importância nessa representação e apresenta potencial na construção de saberes em saúde, progredindo para discussões pertinentes em vários espaços sociais (Brasil, 2018).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD (IBGE, 2021) comprovou que, no ano de 2019, as mulheres de 15 anos ou mais de idade atingiram 54,5% no monitoramento do mercado de trabalho, e para os homens essa medida chegou a 73,7%. Um índice de desigualdade que se perpetua ao longo dos anos e ilustra a dificuldade de inserção da mulher no âmbito do trabalho.

Analisando sob essa perspectiva, há uma divisão ainda mais expressiva que envolve o trabalho da pesca artesanal. Enquanto o homem é pescador, a mulher é marisqueira. O homem executa essa ação em segunda opção, quando a pesca fracassa. Já as mulheres caracterizam-se como multifacetadas e realizam diversas tarefas rotineiramente, como: cuidados com o lar, educação dos filhos, trabalho etc. A predominância do gênero feminino nas atividades de maricultura está intimamente ligada

aos riscos, à distância e à força física exercida. Esse cenário favorece a invisibilidade e a subvalorização do trabalho feminino (Carmo; Rodrigues, 2020; Lima, 2019).

As políticas públicas, mesmo que deficitárias, constituem-se como eixo orientador para o fortalecimento dos povos das águas. Ecoar esses canais torna-se um desafio intersetorial. Garantir uma atuação eficaz, considerando a especificidade do ser mulher, é ainda mais desafiador. Isso porque se refere a mulheres vivendo em um território mutável, em cenários que sofrem constantes variações e com necessidades de saúde singulares. Desse modo, faz-se preciso adotar estratégias que propiciem uma comunicação eficaz, pautada na escuta e no acolhimento das demandas. A compreensão da carência dessas peculiaridades, no planejamento das ações, é o que corrobora para o fortalecimento da participação social no SUS (Lopes *et al.*, 2021; Pontes *et al.*, 2022).

O protagonismo popular, quando realizado de forma efetiva, com grupos comunitários potenciais e representativos, é capaz de promover mudanças nos condicionantes e determinantes de saúde. Ante o exposto, interrogou-se, como questão norteadora deste estudo: Quais os saberes populares em saúde das “Marias marisqueiras”<sup>11</sup> de Icapuí/Ceará?

Partindo dessa indagação inicial, o objetivo geral deste estudo é retratar os saberes populares em saúde das “Marias marisqueiras” de Icapuí/Ceará, enquanto os objetivos específicos são: problematizar o protagonismo coletivo feminino nas atividades pesqueiras locais; identificar em que âmbitos se inserem os saberes populares em saúde de mulheres que exercem as atividades pesqueiras, e refletir acerca dos avanços e dos desafios no que concerne à utilização dos saberes populares em saúde das “Marias marisqueiras”.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa social qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, configurando um espaço de troca, representações sociais, subjetividade, crenças, símbolos e significados. Busca, assim, uma proximidade com a especificidade e o dinamismo dos sujeitos estudados (Minayo, 2011). Os métodos e as técnicas utilizadas

---

<sup>11</sup> Expressão utilizada para se referir às mulheres que se dedicam à pesca, aliás, para as que se reportam especificamente para a pesca de mariscos. Assim, o termo “Marias” faz alusão à mobilizadora social local, e “marisqueiras” diz respeito à atividade artesanal de captura, coleta e preparo para a comercialização de mariscos, de forma autônoma ou, ainda, em regime de economia familiar.

na construção da pesquisa de campo proporcionam um relato íntegro dos dados devido à familiarização do autor com os fatos que detalha. Apresenta resultados das observações e interpretações respaldados pela memória e pelo comportamento de uma sociedade (Malinowski, 1978).

Constituiu-se como cenário da pesquisa o espaço territorial de atuação da pesquisadora, a enfermeira residente do Programa de Saúde da Família e da Comunidade da Escola de Saúde Pública do Ceará - ESP/CE. Em vista disso, compõem a população adscrita, sob responsabilidade e assistência da Equipe de Saúde da Família (ESF), cinco microáreas: Ibicuitaba, Quitérias, Tremembé, Morro Pintado e Melancias de Baixo.

A população de interesse desta pesquisa foi um coletivo de mulheres marisqueiras da cidade de Icapuí/CE. O município possui 32 núcleos de unidades populacionais, que ocupam 64km de faixa litorânea (Carbogim *et al.*, 2013). No entanto, o grupo amostral designado foi de mulheres marisqueiras pertencentes à microárea de Quitérias, do território da ESF Monsenhor Diomedes de Carvalho, totalizando 26 participantes.

Os critérios de inclusão de participação na pesquisa foram: pessoa do sexo feminino, estar com cadastro ativo na ESF e filiação ativa na Colônia de Pescadores Profissionais, Artesanais e Aquicultores Z17 de Icapuí/CE. Já os critérios de exclusão das amostras: mulheres marisqueiras com idade menor que 18 anos, ou que estivessem impossibilitadas de participar dos momentos para coleta de dados por motivos de doença ou condições congêneres.

A coleta iniciou-se com a territorialização e o reconhecimento dos agentes sociais importantes na comunidade. Para Minayo (2011), figuras sociais que apresentam estreito laço com os sujeitos podem contribuir nessa aproximação. Estabelecido o contato inicial, houve mais visitas na comunidade para observação das características da população, buscando uma abordagem direta.

A imersão no cotidiano das marisqueiras aconteceu de forma periódica e sistemática, contribuindo para uma coleta de dados efetiva, e a aplicação dos métodos ocorreu após o diálogo e o planejamento, juntamente com as participantes, de modo a oferecer um ambiente agradável, acolhedor e respeitando as singularidades de cada indivíduo.

Buscando uma prática educativa eficaz, por meio da colaboração dinâmica e crítica dos educandos, Paulo Freire (2015) sistematiza o círculo de cultura. O diálogo horizontal é utilizado como ferramenta indispensável no fortalecimento desse movimento

da educação popular. Problematizar é o objetivo central dessa pedagogia, estimulando um ambiente de debate, autonomia, conscientização e participação democrática.

O círculo de cultura foi sistematizado em cinco momentos: **investigação do universo vocabular**, palavras de uso rotineiro embasadas na forma de falar de um povo e suas singularidades; **palavras geradoras**, retiradas da etapa anterior; **tema gerador geral**, elaborado para proporcionar a junção do conhecimento e do protagonismo social; **tematização**, que se trata da codificação, da transmissão e do despertar sobre o tema; e, por fim, a **problematização**, visão crítica e ampla da realidade sustentada pela ação-reflexão-ação (Danta; Linhares, 2014). A figura disposta abaixo exemplifica os elementos utilizados no processo de problematização e desenvolvimento do círculo de cultura com os sujeitos desta pesquisa.

**Figura 1** — Mandala e elementos utilizados no círculo de cultura, Icapuí/CE



Fonte: dados da pesquisa (2023).

Para mediação do círculo de cultura, foram utilizadas algumas técnicas pedagógicas participativas: cirandas da vida, espaço para reunir o grupo com o intuito de escuta das narrativas sobre as histórias de lutas populares do coletivo feminino; corredor do cuidado, onde as participantes cuidavam, tocavam e teciam histórias em conjunto na compreensão do cuidar em coletivo; além de poesia, música e cine debate.

Foram realizados quatro encontros para a vivência do círculo de cultura e três deles ocorreram no Centro Cultural de Quitérias, sede de encontros e mobilização social.

O quadro abaixo sistematiza os encontros, com as respectivas temáticas e mediadores:

**Quadro 1** — Sistematização dos encontros realizados com o coletivo de mulheres marisqueiras, em relação às temáticas e aos mediadores, Icapuí/CE

ENCONTROS	TEMÁTICAS	MEDIADORES
Encontro 1	Cine debate: “Vida Maria” e “Acorda, Raimundo... Acorda!”	Enfermeira e assistente social
Encontro 2	Fortalecimento do assoalho pélvico	Enfermeiras, fisioterapeuta, assistente social e farmacêutica
Encontro 3	Mariscagem coletiva	Enfermeira
Encontro 4	Roda de cultura e corredor do cuidado	Enfermeiras e profissional de educação física

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Para a complementação do processo de coleta de dados, utilizou-se a observação participante, a elaboração de diários de campo, a investigação das situações sociais dos sujeitos da pesquisa, a gravação dos diálogos com os sujeitos e fotografias para registrar as vivências.

A análise e a interpretação dos dados obtidos perpassam o que é similar e divergente em um mesmo contexto social. Sendo assim, as informações seguiram o seguinte fluxo: descrição, que se constitui na apresentação dos materiais coletados na íntegra; análise, que inclui desmembrar os dados e buscar ligações entre eles; interpretação, ampliação dos significados das falas e ações, relacionando-as a outros conhecimentos (Gomes, 2011).

A hermenêutica dedica-se à comunicação entre seres com o tempo, o espaço e a linguagem, complementando-se na busca pela compreensão do contexto e da cultura. A vida cotidiana é a perspectiva e o fundamento desse processo de entendimento. Desse modo, é possível captar relatos, produções e observações acomodados no interior do contexto dos sujeitos. Já a dialética é o método de diálogo focado no confronto e na contraposição de ideias. Ela necessita de instrumentos de crítica e assimilação da discrepância encontrada na linguagem (Minayo, 2014).

Habermas (1987, p. 20) fundamenta, de maneira clara, sobre essa questão quando relata que “a mesma razão que compreende, esclarece e reúne, também contesta, dissocia e critica”. O pesquisador busca o contexto mediante dados históricos e do discurso,

marcado pelas circunstâncias e tradição. Ao analisar documentos, precisa-se adotar uma posição de investigador-intérprete, caminhando além do autor do texto. Assim foi o processo de compreensão, interpretação e análise dos dados.

Este estudo fundamenta-se nas resoluções de cunho ético para realização de pesquisa envolvendo seres humanos, a saber, as Resoluções 466/2012 e a 510/2016 (Brasil, 2012b; Brasil, 2016). O artigo foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Saúde Pública do Ceará (CEP/ESP/CE), via Plataforma Brasil, e a coleta ocorreu após a aprovação, com CAAE: 67953823.1.0000.5037 e número do parecer 5.991.666.

## Resultados e Discussão

A construção apresentada a seguir foi ancorada no compartilhamento entre o espaço observado e os sujeitos pesquisados com o mundo da vida do investigador. O mapeamento do grupo investigado auxilia na eficácia da análise e inclui: ambientes, situações de saúde, cultura e condições políticas e socioeconômicas. A seguir, no Quadro 2, apresentam-se as características gerais dos sujeitos deste estudo.

**Quadro 2** — Perfil geral das “Marias marisqueiras”, em relação à idade, ao tempo de mariscagem, à cor ou raça, e ao estado civil, Icapuí/CE

Idade	Tempo de Mariscagem	Cor ou raça	Estado Civil
18-29 anos = 3	< 1 ano = 3	Branca = 5	Solteira = 1
30-39 anos = 7	1 - 5 anos = 7	Preta = 3	Casada = 15
40-49 anos = 10	6 - 15 anos = 10	Parda = 18	União Estável = 9
50—59 anos = 6	> 15 anos = 6	Amarela = 0	Divorciada = 1

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A fim de proteger a identidade dos sujeitos, foram estabelecidos codinomes. Optou-se pelo nome Maria, seguido de letra do alfabeto e, como há 26 letras, igual ao número de participantes desta pesquisa, foram escolhidas, de maneira aleatória, para constituir os pseudônimos. Como exemplo dos codinomes, citam-se: Maria A, Maria B, Maria C etc.

Para melhor compreensão do perfil geral das “Marias marisqueiras”, elencou-se

quatro variáveis: idade, tempo de mariscagem, cor/raça e estado civil. No que diz respeito à idade, varia entre 23 e 57 anos, sendo que 61,5% apresentavam entre 40 e 59 anos. O tempo de mariscagem variou entre 4 meses e 27 anos, sendo o mais frequente os 15 anos de pesca. Em relação à cor/raça, 81% são mulheres que se autodeclaram pardas ou negras, sendo 18 pardas e 3 negras. O estado civil indica 92% com algum tipo de relação, sejam casadas ou em união estável.

Os dados da pesquisa de Nogueira (2012) constroem um perfil socioeconômico das marisqueiras de Icapuí. Em relação à faixa etária, houve uma variação de 34 a 62 anos, sendo o maior acúmulo entre 50 e 60 anos. Tendo em consideração a experiência de pesca, obteve-se o resultado entre 12 e 50 anos, destacando que 70% atuam há mais de 30 anos. Somando-se a isso, as pescadoras com mais de 50 anos de experiência caracterizam 9% do total. Esse resultado foi relacionado pela autora aos agravos à saúde em razão do desfavorável ambiente laboral. O estado civil foi uma variante analisada, 76% possuem relação conjugal, 11% são viúvas e 0,08% são solteiras.

Os dois dados expostos acima divergem no tempo de pesca e na idade das marisqueiras. Essa mudança corresponde à valorização da pesca artesanal como atividade trabalhista e no avanço das políticas públicas. Dessa forma, as mulheres associam-se antecipadamente à Colônia de Pescadores para garantir e assegurar os direitos trabalhistas, visto que o tempo de mariscagem começa a ser contado a partir da sua inserção na associação.

Em relação ao quesito raça e cor, houve o acréscimo dele para favorecer a compreensão a respeito da importância do debate acerca do apagamento cultural e territorial sofrido pelos povos originários e afrodescendentes desde a colonização, gerando espaço de lutas, resistências e ressoando as vozes silenciadas por todos esses ataques. A representação desses impactos na vida da mulher negra pode ser compreendida no trecho do poema *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo (p. 24, 2021): “A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes. Recolhe em si as vozes mudas, caladas, engasgadas nas gargantas”. As mulheres marisqueiras dessa pesquisa carregam as vozes silenciadas em um processo árduo e contínuo de descolonização.

A seguir, será apresentada a discussão sistemática quanto aos resultados obtidos com o intuito de subsidiar o desenvolvimento do presente estudo e, para auxiliar na assimilação, será organizada em três subseções.

## **Velejando em mares, territórios e culturas**

Conhecer Icapuí é vivenciar a cultura caiçara baseada no turismo comunitário, em que as vilas e as comunidades interagem com os visitantes. Particularmente em relação à Quitérias, Carbogim *et al.* (2013, p. 79) descrevem-na como uma comunidade que, por suposição, recebeu esse nome devido a uma indígena que morava naquelas terras. O ano de 1990 trouxe avanços na localidade com a criação da primeira associação de moradores. Juntamente a isso, outra conquista foi a inauguração de uma quadra de lazer para os jovens e a conscientização ambiental com mutirões de limpeza na praia, principal meio de subsistência da região. Inclusive, destaca-se que as limpezas coletivas das praias do município acontecem até os dias atuais.

Quando os sujeitos, inseridos em um dado contexto, buscam apropriar-se do território, da sua identidade e das práticas sociais, são concebidas transformações significativas. Assim, a atuação do coletivo como agentes de transformação mostra-se primordial para a preservação sustentável desse ambiente. Medidas como essas, de valorização dos saberes populares, impactam diretamente os determinantes e os condicionantes de saúde (Brasil, 2021).

Durante nossa ida ao mar para pescar, as marisqueiras relatam os prejuízos causados ao ambiente pelo impacto da poluição e pelo desastre ambiental de vazamento de óleo nas praias do Nordeste, que ocorreu em 2019, afetando o ecossistema até os dias atuais. Resultado do capitalismo e suas repercussões, em que a escuta do sujeito é inexistente e desnecessária quando o produto visa apenas o lucro imediato. Essas interferências são de magnitudes que vão além das socioeconômicas e ambientais e perpassam vulnerabilidades no processo saúde-doença.

Ninguém perguntou se a gente quer essas eólicas no mar e vai ser pior do que o óleo. A gente via os peixe mortos, até hoje o mar não é o mesmo. A gente não come mais nada sadio, não (Maria R).

Sob essa perspectiva, a relação do indivíduo com o ambiente afeta toda a organização estrutural de um espaço. É uma interação complexa e dinâmica que precisa ser apreciada. “Dentro desta rede o ambiente e saúde são integrados, inseparáveis e indissociáveis, onde os seres humanos e ecossistemas são um só corpo vivo” (Oliveira; Bezerra, 2021, p. 81).

Há, pois, uma relação complexa entre ambiente e coletivo, que interfere nos

próprios modos de viver a vida. Ressalta-se que, como requisito de sobrevivência, perpetuação e conservação de uma comunidade, gerações da mesma família adentram no universo construído por meio da ancestralidade. O mesmo acontece na pesca artesanal que perpassa toda a linhagem, estruturando conhecimentos, saberes e práticas. É a aprendizagem transgeracional em atuação (Nogueira, 2012).

Toda a experiência adquirida ao longo dos anos é importante para a qualidade da pesca, como horário e dia escolhidos para a mariscagem, que dependiam da “maré grande”, que é quando a lua está cheia. A ida ao mar é geralmente realizada em pequenos grupos de mulheres que carregam colheres, baldes, água e lanches. Aos poucos, elas ensinavam como era o processo de mergulhar as mãos na areia e capturar os mariscos, chacoalhando para separar o excesso de areia nas mãos. Todo o tempo dedicado à pesca foi permeado por risos, trocas de experiências e construção de vínculo, compartilhando um emaranhado de possibilidades que o mar pode oferecer. O seguinte registro fotográfico ilustra um desses momentos:

**Figura 2** — Mariscagem coletiva, Icapuí/CE



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

É esse mar que está presente no cotidiano, nos rituais, nos festejos, na cura e na terapêutica dos territórios de Icapuí. O processo de territorialização dos saberes e costumes assemelha-se ao que o pescador executa no mar: “Os pescadores tomam a terra

como referência e realizam marcações ou, em outras palavras, constroem lugares no mar, territorializam” (Bezerra; Linhares, 2021, p. 6).

### **“Caiu na rede” é saber popular**

Por intermédio dos saberes populares ensinados ou aprendidos, as populações se estabelecem. No estudo de Bezerra e Linhares (2021), esse exemplo é dado nos fluxos de marés, que determinam a predominância das ações. Quando o mar não está propício para peixe, os aprendizados agrícolas surgem para manter a subsistência, formando uma díade terra-mar.

A riqueza encontrada na terra e no mar demonstra que o processo de autocuidado em saúde contempla os saberes populares e possibilita outras ações terapêuticas, como as práticas tradicionais em saúde. As falas a seguir relatam duas condições de saúde recorrentes das parcerias de pescadores e mulheres do mar, devido à longa exposição aos raios solares e sujidades do mar, a infecção urinária e as infecções sexualmente transmissíveis:

Quando tô com “quentura”, eu faço logo um suco de capim santo com cidreira (Maria S).

Eu tomo logo as garrafadas ou romã com leite pras inflamações depois que vou no posto se não melhorar (Maria L).

Meu marido quando vem do mar já é com as “urina quente” e passa pra mim (Maria I).

Quanto aos saberes populares das marisqueiras, relacionados às plantas medicinais, são destacados no estudo de Rückert (2020), os quais são usados para atenuar os sintomas dos principais agravos à saúde decorrentes do trabalho: dores articulares, manchas e ressecamento de pele devido à exposição solar, e micoses. Esse manejo, quando bem orientado, pode derivar a formulação de gel para dor, repelente, escalda-pés e solução antimicótica.

O tema saúde da mulher gerou debate e dúvidas acerca das disfunções do assoalho pélvico:

Não sei se tossir enfraquece, mas acredito que afrouxa (Maria M).

Eu nunca tive normal [parto normal] e soltava xixi, aí fiz a cirurgia (Maria R).

Com a articulação e a atuação multiprofissional, a fisioterapeuta realizou uma oficina para compartilhar exercícios para o fortalecimento dos músculos do assoalho pélvico, logo, possibilitaria a reprodução deles no cotidiano das mulheres.

Eu prendia e soltava [contração e relaxamento], sempre fiz isso, nem sei quando comecei, mas eu faço dentro do mar (Maria M).

No decorrer desse período, elas identificaram que já realizavam vários movimentos, mesmo sem saber os efeitos e as consequências para a saúde. Nagamine, Dantas e Silva (2021) abordam alguns dos benefícios desses exercícios, como: mobilidade pélvica, autoconhecimento corporal, excitabilidade e lubrificação.

Assim como outros trabalhadores, as pescadoras artesanais são, frequentemente, acometidas por doenças como Lesão por Esforços Repetitivos (LER) e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT). Identificou-se que uma das ações realizadas pelas marisqueiras ocorre justamente no processo de catagem dos búzios após serem cozidos.

**Figura 3** — Catagem dos búzios após pré-cozimento, Icapuí/CE



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A catagem do marisco é um ciclo repetitivo e requer um trabalho dividido em várias etapas, incluindo a abertura do búzio para retirar a casca. Para facilitar, elas realizam um pré-cozimento com a água que o marisco solta e, assim, a carne se desprende facilmente. Em concordância com o exposto por Nascimento (2022), as condições laborais das marisqueiras são insatisfatórias e precarizadas, como: desajustes posturais, umidade, longos períodos de exposição à poluição ambiental e instrumentos de trabalho limitados. Acrescentada a todos esses agravantes, destaca-se, ainda, a dupla ou a tripla jornada de trabalho para complemento da renda e afazeres domésticos.

### **Isso é história de marisqueira**

Esse subtópico faz um trocadilho ao famoso bordão “Isso é história de pescador”, no intuito de problematizar as relações de trabalho e gênero. A esse respeito, Lopes, Freitas e Begossi (2020) expõem o trajeto da atuação feminina na pesca. Muitas foram as mudanças observadas, entretanto, os direitos trabalhistas e a saúde caminham a passos lentos. Isso ocorre, principalmente, pela finalidade da mulher para a sociedade, ainda vislumbrada como cuidadora do lar, do marido e dos filhos (Ferreira; Knox; Baracho, 2022).

**Figura 4** — Pesca simultânea de pescadores e pescadoras artesanais, Icapuí/CE



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A imagem acima demonstra o cenário atual da pesca artesanal, no qual os homens voltam do alto mar e as mulheres mariscam perto de casa. Em uma reunião aberta, ocorrida na Assembleia Legislativa do Ceará, referente à luta dos direitos das

marisqueiras do Litoral Leste, o coletivo ressoava a frase: “Ninguém se engana, ninguém se engana, nossa história já começou desumana!”. Uma discrepância de direitos, somando-se ao não reconhecimento de mulheres como pescadoras, mas enfatizando o *ser mulher*, reduzida aos serviços do lar como prioritários. Os trechos a seguir exemplificam os sentimentos que transcorrem no coletivo feminino:

Eu escuto muito a pergunta: e você, se cansa de quê? (Maria G).

Os pais ensinam que o homem é provedor e a mulher cuida da casa e comida (Maria G).

Eu tive que, aos poucos, tirar o machismo dele [marido]. Comecei a fazer o que queria (Maria R).

Minha maior felicidade é minha independência financeira. Assim eu sou feliz (Maria B).

Foi a partir da teimosia, da resistência e da luta das mulheres por meio das associações que mudanças e melhorias alcançaram o território (Ferreira; Knox; Baracho, 2022). Igualmente, o poder das associações é evidenciado no estudo de Lima (2019), concebido como um recurso que fomenta o empoderamento social da coletividade.

Os movimentos populares são marcados por protagonistas sociais e lideranças que revolucionaram esses espaços. Um baluarte da educação popular foi Maria Felipa de Oliveira, mulher negra, marisqueira, capoeirista, enfermeira e ativista de origem popular que liderou 40 mulheres na guerra da independência (Farias, 2010), demonstrando, assim, a possibilidade de, a partir da articulação e do diálogo, as mulheres ocuparem os espaços e transformar a realidade. Sendo assim, o protagonismo popular feminino configura-se como estratégia para as mudanças das políticas públicas e o desenvolvimento de maneiras efetivas de enfrentamento desses descompassos.

### **Considerações finais**

A educação popular em saúde retrata, além de ferramenta metodológica potente, um dispositivo de valorização cultural e estreitamento de vínculo entre os serviços de saúde e a comunidade. Baseia-se no saber compartilhado, na subjetividade do coletivo e na maneira inovadora de saber-fazer saúde.

Desenvolver uma identidade coletiva aproxima as pessoas de um lugar seguro

onde se pode *SER*. Assim, é a configuração dos movimentos sociais e comunitários de articulação feminina que caminha para a desconstrução de preconceitos e amplia as lutas traçadas no decorrer do trajeto. É uma (re)alocação das mulheres nos lugares dos quais, ferozmente, foram arrancadas devido a uma sociedade patriarcal, colonial, racista e misógina.

O recorte desta pesquisa apontou dados evidentes em outros estudos, nos quais existe uma predominância nas atividades pesqueiras ocupadas por mulheres, em sua maioria, pardas/negras. A memória de um contexto de apagamento cultural, no qual as terras ancestrais, das quais se obtém tantos benefícios e comutações, foram e são ocupadas por povos originários e toda a sua sabedoria de como desenvolver práticas de saúde, em que o ser humano é integral, sem fragmentações ou dissociações.

Todas as experiências multi e interprofissionais vivenciadas no decorrer desses dois anos de residência aguçaram a resistência e a luta por uma saúde pública que valoriza as práticas tradicionais e os saberes populares, de maneira que a horizontalidade dos saberes seja contemplada em todos os espaços de saúde.

Ao chegar à finalização deste ciclo, em uma especialização em Saúde da Família e da Comunidade, compreende-se que o campo de atuação é vivo, transitório e mutável. A imersão comunitária é cotidiana, rica de infindáveis trocas e compartilhamentos, em que o diagnóstico territorial e a aproximação da realidade local são decisivos para a tomada de decisões que fortaleçam um modelo de saúde equânime.

O “enfermeirar”, de forma coadjuvante e observante, foi de uma experiência ímpar, no qual os minuciosos movimentos e as colocações daquelas mulheres trilharam caminhos, experimentações e sabores que não são possíveis sentir na teoria ainda tão enrijecida do universo acadêmico. Vivenciar esses dias trouxe sentido para uma formação do SUS para o SUS, principal proposta da residência multiprofissional em saúde.

## Referências

BEZERRA, C. P.; LINHARES, Â. M. B. A saúde dos povos do mar: faróis para a estratégia saúde da família em comunidades pesqueiras do nordeste brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 5, p. 1603-1612, 2021. DOI 10.1590/1413-81232021265.04262021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/fXPhzkJcJjPVPJvFWWtRfKF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Territórios sustentáveis e saudáveis: experiências de saúde ambiental territorializadas - desdobramentos e perspectivas.**

Brasília: Funasa, 2021. Disponível em:  
<https://repositorio.funasa.gov.br/handle/123456789/681?locale-attribute=pt>. Acesso em:  
8 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de gestão estratégica e participativa. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012a. Disponível em:  
[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761\\_19\\_11\\_2013.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html). Acesso em: 19 out. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012b. Disponível em:  
<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em:  
[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html). Acesso em: 14 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de gestão estratégica e participativa. Departamento de apoio à gestão participativa e ao controle social. **A saúde das pescadoras artesanais - atividades de pesca: mariscagem e pesca em mar aberto**. Brasília: Editora MS/CGDI, 2018. Disponível em:  
[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_pescadoras\\_artesanais\\_atividades\\_pesca.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_pescadoras_artesanais_atividades_pesca.pdf). Acesso em: 15 nov. 2022.

CARBOGIM, M. L. V. *et al.* **Memória viva de Icapuí**. Fortaleza: Fundação Brasil Cidadão, 2013.

CARMO, C. B. S.; RODRIGUES, É. M. Marisqueira: uma reflexão sobre criação lexical à luz das relações de gênero. **Revista Linguagem**: gênero, sexualidade e identidades, Niterói, v. 15, n. 30, p. 1-22, 2020. Disponível em:  
<http://www.filologia.org.br/linguagemmemrevista/30/11.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

DANTAS, V. L.; LINHARES, Â. M. B. Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de gestão estratégica e participativa. **II Caderno de educação popular em Saúde**. Brasília: Ministério da saúde, 2014. p. 73-76.

EVARISTO, C. Vozes mulheres. *In*: EVARISTO, C. **Poemas de recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2021. p. 24-25.

FARIA, R. M. A territorialização da Atenção Básica à Saúde do Sistema Único de Saúde do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 25, n. 11, p. 4521-4530, 2020. DOI/10.1590/1413-812320202511.30662018. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/csc/a/jSZ7b65YpPSTwLfYWpRhg5z/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 2 jan. 2024.

FARIAS, E. K. V. **Maria Felipa de Oliveira, heroína da independência da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2010.

FERREIRA, J. G.; KNOX, W.; BARACHO, D. Relato de Denize Baracho, liderança da Associação de Maricultura e Beneficiamento de Algas de Pitangui. *In*: CARVALHO, B. S. *et al.* (org.). **Território de identidade e políticas públicas**: perspectivas teóricas, relatos e experiências no enfrentamento à Covid-19 com comunidades e movimentos sociais. Mossoró: Edições UERN; Áporo editorial, 2022. p. 3-15.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

GOMES, J. Icapuí tem. *In*: CARBOGIM, M. L. V. *et al.* (org.). **Memória viva de Icapuí**. Fortaleza: Fundação Brasil Cidadão, 2013. p. 6.

GOMES, R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. *In*: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 79-112. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Pesquisa\\_social/PtUbBAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1](https://www.google.com.br/books/edition/Pesquisa_social/PtUbBAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1). Acesso em: 19 dez. 2022.

HABERMAS, J. **Dialética e hermenêutica**: para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Tradução de Álvaro Valls. Porto Alegre: L&PM, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estatísticas de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil, Rio de Janeiro, n. 38, 2. ed., 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101784>. Acesso em: 13 nov. 2022.

LIMA, B. A. T. **Vozes da maré**: extensão popular e a população marisqueira de Cabedelo-PB. 2019. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27743>. Acesso em: 15 out. 2022.

LOPES, I. B. S. *et al.* Saúde das trabalhadoras da pesca artesanal: cenários desconhecidos do Sistema Único de Saúde (SUS). **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 46, n. 5, p. 1-8, 2021. DOI 10.1590/2317-6369000028719. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/BJ7G8FZ6gQqPHktyrgcXHPS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2022.

LOPES, P. F. M.; FREITAS, C. T.; BEGOSSI, A. A mulher e a pesca: um olhar sobre a pesquisa e a atuação feminina pesqueira no Brasil. **Ethnoscientia**, Altamira, v. 5, n. 1, p. 1-12, 2020. DOI 10.22276/ethnoscientia.v5i1.304. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscientia/article/view/10303/7142>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Tradução de

Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. *In*: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 51-66. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Pesquisa\\_social/PtUbBAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1](https://www.google.com.br/books/edition/Pesquisa_social/PtUbBAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1). Acesso em: 19 dez. 2022.

NAGAMINE, B. P.; DANTAS, R. S.; SILVA, K. C. C. A importância do fortalecimento da musculatura do assoalho pélvico na saúde da mulher. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 2, p. 1-12, 2021. DOI 10.33448/rsd-v10i2.12894. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12894/11606>. Acesso em: 24 dez. 2023.

NASCIMENTO, A. M. S. **A relação trabalho-saúde das marisqueiras na atividade da pesca artesanal**: revisão integrativa da literatura. 2022. Monografia (Bacharel em Biomedicina) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/45856/3/Alyne\\_Monografia\\_01.jul.2022.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/45856/3/Alyne_Monografia_01.jul.2022.pdf). Acesso em: 3 dez. 2023.

NOGUEIRA, L. M. M. **As marisqueiras de Icapuí**: saberes e práticas na pesca de moluscos. 2012. Dissertação (Mestre em Ciências Marinhas Tropicais) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35063/1/2012\\_dis\\_lmmnogueira.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35063/1/2012_dis_lmmnogueira.pdf). Acesso em: 2 dez. 2022.

OLIVEIRA, J. P. G.; BEZERRA, A. C. V. A reprodução da pesca artesanal no território da comunidade quilombola de São Lourenço, Goiana (PE) e sua relação com a saúde. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 22, n. 3, p. 69-92, 2021. DOI 10.33026/peg.v22i3.9050. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/9050/6570>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PEDROSA, J. I. S. A Política Nacional de Educação Popular em Saúde em debate: (re)conhecendo saberes e lutas para a produção da saúde coletiva. **Interface**, Botucatu, v. 25, p. 1-15, 2021. DOI 10.1590/Interface.200190. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/b4vyq3gCDv3VT5BgKRvVYQD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2022.

PONTES, A. G. V. *et al.* NASF-AB no campo e nas águas: o cuidado em torno do trabalho, ambiente e saúde de famílias agricultoras e pescadoras. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-14, 2022. DOI 10.1590/Interface.200190. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/275/762>. Acesso em: 2 dez. 2022.

RÜCKERT, B. **Valorização dos saberes populares de cuidado em saúde na Ilha de Maré – Salvador, Bahia**. 2020. Relatório (Projeto de extensão universitária) — Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31937>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Submetido em 9 de fevereiro de 2024.

Aprovado em 6 de abril de 2024.